

ASPECTOS DO LOCALISMO EM *ORQUÍDEA DE CICUTA*, DE JANAÍNA AZEVEDO

José de Sousa Campos Júnior (UEPB) ¹

Resumo:

*O objetivo deste trabalho é refletir sobre a função do topos local e, em alguns momentos, provinciano na obra de contos Orquídea de Cicuta (2002), da paraibana Janaína Azevedo, principalmente quando comparado a outros topoi representados em textos literários. A abordagem se centra na forma como o ambiente físico do sujeito da enunciação dos contos desta autora influencia na construção das narrativas, do desenvolvimento das personagens pela ação das mesmas e, também, dos perfis psicológicos destas. Assim, é possível problematizar de que modo o narrador constrói e apresenta os ambientes e lugares, ou seja, como ele transpõe o espaço e os lugares físicos e culturais para o desenvolvimento de uma atmosfera semanticamente carregada de aspecto fúnebre, misterioso e, por vezes, com certo suspense. A ambientação acontece em lugares longe dos chamados centros urbanos. Quando as cidades aparecem na ficção desta escritora, elas são localizadas no universo interiorano e funcionam como um lócus de passagem das personagens, isso coloca em cena histórias plenas de telurismo e de paisagens poéticas, que são elementos determinantes na constituição dos enredos e na tomada de posições das personagens que habitam os mundos de Janaína Azevedo. Tomaremos como base teórica os estudos realizados por Ligia Chiappini em *Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura* (1995) e *Velha praga? Regionalismo literário brasileiro* (1994), e por Antonio Candido em *Literatura e Subdesenvolvimento* (2006), dentre outros teóricos.*

Palavras-chave: literatura de autoria feminina, regionalismo, espaço.

1 Introdução

O ambiente físico frequentemente assume um papel primordial na leitura e interpretação da obra literária. Em alguns casos o dado local é indiciador de uma obra regionalista, ou o suficiente para que os críticos a classifiquem como tal. No caso da literatura produzida na Paraíba, os ambientes físicos nos quais se desenvolvem algumas narrativas revelam o telurismo e o local como uma de suas tendências, mostrando que essas questões ainda podem ser verificadas na produção contemporânea.

Dessa forma, o objetivo deste trabalho é refletir sobre a função do *topos* local e, em alguns momentos, provinciano na obra de contos *Orquídea de Cicuta* (2002), da paraibana Janaína Azevedo, principalmente quando comparado a outros *topoi* representados em textos literários. Partimos da problemática de como o narrador constrói os ambientes e lugares físicos, e como isso influencia as ações das personagens e seus perfis psicológicos.

A pertinência deste trabalho reside no fato de ele dar a importância devida à produção de uma eminente escritora paraibana contemporânea, visto que, por motivos editoriais e de divulgação, as autoras paraibanas são pouco conhecidas entre o público; e também porque abre espaço para discussões sobre questões de gênero e a função da categoria espaço na literatura brasileira.

Concomitantemente às discussões das noções de espaço e território, aqui consideradas, analisaremos algumas narrativas de *Orquídea de Cicuta* a fim de refletir sobre o aspecto do

localismo. Para tanto, adotaremos as considerações teóricas de Sarita Albagli (2004), Ciro Cardoso (1998), Ligia Chiappini (1994) e (1995) e Antonio Candido (2006).

2 O local em Janaína Azevedo

Em uma das teses do texto *Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura* (1995, p. 158), Ligia Chiappini afirma que “se o local e o provincial não são vistos como pura matéria mas como modo de formar, como perspectiva sobre o mundo, a dicotomia entre local e universal se torna falsa”. Sem pretensões de adentrar na discussão entre regional e universal, queremos chamar a atenção para o fato de que o local e o provincial podem ser matérias-primas para a constituição dos enredos e determinação das ações das personagens, fazendo com que as peculiaridades regionais alcancem uma dimensão que as transcendam.

Dessa forma, a categoria espaço físico assume uma tarefa fundamental nestes tipos de narrativas, a de determinar o grau de transcendência do dado local. Vale salientar que estamos adotando uma concepção de espaço diferente de território. Valendo-se das considerações sobre essas questões formuladas por Egler e por Raffestin, Sarita Albagli assevera que

As noções de espaço e de território são distintas. O espaço é um nível elevado de abstração, enquanto que o território é o espaço apropriado por um ator, sendo definido e delimitado por e a partir de relações de poder, em suas múltiplas dimensões. Cada território é produto da intervenção e do trabalho de um ou mais atores sobre determinado espaço. (2004, p. 26).

Assim, os ambientes físicos tornam-se territórios apropriados pelos indivíduos dentro dos jogos de poder que os afetam e os definem. No conto *O marido das Santas*, por exemplo, apesar da estranheza inicial por parte dos demais habitantes da localidade, Rafael das Cruzes Perdidas mantém um casamento bígamo com Estelina e Almerinda, cujos filhos nascem sempre em dezembro e em janeiro, respectivamente.

O ambiente em que vivem, de aspecto bucólico, pacato e de forte tradição católica, é decisivo na forma como a história é narrada e como esta família consegue ser respeitada por todos: “Meus Deus, e quando se punham a chorar a vida seca lá do sertão? Eu apenas ouvia: nublado, úmido e chuvoso como sou eu, não compreendia o sol exagerado de alheios sertões” (AZEVEDO, 2002, p. 35). Dessa forma, o espaço social do qual fazem parte se configura inicialmente como um contraponto ao comportamento de Rafael das Cruzes Perdidas e suas esposas, pois a população local demora a se habituar a esse tipo de relacionamento, uma vez que vai contra os preceitos sociais do lugar onde moram. Mesmo que não haja uma aceitação, há ao menos um crescente respeito em relação à Estelina e à Almerinda. A conduta delas é confrontada com a tradição da localidade, mas, ironicamente, elas começam a ser aceitas pelos demais por que se mostram religiosas tradicionais.

Nesse sentido, nos contos de *Orquídea de Cicuta*, de Janaína Azevedo, os espaços nos quais as narrativas se desenvolvem são marcados pela paisagem rural e/ou provinciana, determinando as ações das personagens e influenciando a linguagem. Em *Por causa dos mulungus* e *Orquídea de Cicuta*, narrativa que dá título à obra, as personagens estão chegando de viagem ou estão de passagem por algum lugar. Nestes casos as experiências trazidas entram em conflito com o cotidiano do lugar de destino provocando as tensões presentes nos dois textos. No primeiro, temos a chegada de uma menina que passou doze anos num colégio interno porque possuía uma aura fúnebre. Acompanhada pela tia, a garota se contrapõe à imagem dos mulungus floridos, estes funcionam como uma metáfora de sua esperança de recuperação, que, ao final do texto, lhe é negada e os mulungus só começam a florir quando ela se afasta do Sítio Olho D’água. Aqui, o ambiente rural adquire a função de lugar propício para a recuperação de pessoas enfermas. Houve a necessidade da saída da protagonista de um espaço fechado para a levarem a um espaço bucólico, a

cuja paisagem é atribuída uma conotação de saúde e bem-estar.

No conto homônimo Tio Astrogildo, utilizando o recurso do *flash-back*, narra para seu sobrinho como foi sua passagem pela cidade paraibana de Areia, quando se apaixonou por uma moça que lhe ofertou uma orquídea porque estava precisando de dinheiro. A viagem, nesse caso, aliada à paisagem do lugar de passagem, proporciona um momento de amadurecimento psicológico do protagonista. Sobre essa questão, Ianni diz que

a história dos povos está atravessada pela viagem, como realidade ou metáfora. (...) É como se a viagem, o viajante e a sua narrativa revelassem todo o tempo o que se sabe e o que não se sabe, o conhecido e o desconhecido, o próximo e o remoto, o real e o virtual. (...) Em geral, a viagem compreende várias significações e conotações, simultâneas, complementares ou mesmo contraditórias. (2000, p. 13).

Esse personagem em trânsito contrapõe-se ao lugar fixo no qual a jovem, que também se chama Orquídea de Cicuta, se encontra presa. Nesse caso, “o território assume ainda significados distintos em cada formação socioespacial” (ALBAGLI, 2004, p. 26). O embate psicológico entre as duas personagens é afetado pelas experiências trazidas pela vivência em ambientes distintos. Logo, nos dois contos observamos a importância dos lugares fixos para a redenção ou salvação dos protagonistas. São espaços que lhes afetam diretamente em razão da carga emocional que carregam.

O espaço no qual o indivíduo está circunscrito também interfere radicalmente em sua condição psicológica, a exemplo de *Enquanto Violeta morre*. Trata-se de uma mãe relatando o estado doentio da filha. A genitora alimenta um ódio em relação à filha por esta ter lhe tirado a beleza e a juventude e ter se tornado uma moça bonita e atraente. O confinamento e o convalescimento de Violeta é uma vitória para a mãe, que vê no cuidado com a filha a sua vingança. Assim, “existem espaços que só se configuram e podem ser definidos em função de seus conteúdos específicos” (CARDOSO, 1998, p. 9). Essa questão indica que o espaço psicológico dos humanos nem sempre coincide com o espaço físico:

Olho-a: tive amor. Tenho nojo agora, tendo que limpar essa nova golfada de sangue. Nada mais que nojo (Aumentei 15 quilos na gravidez dela: a felicidade me entontecendo, me amolecendo, me comendo voraz o ventre feliz. Os pontos e os bordados, as camisinhas de pagão. De que me valeu tudo isso?) Ela não me salvou. Mas me pôs condenada a lhe exigir a vida, a lhe cobrar os passos. Sepultou minhas vontades. Me pôs, voluntária, entre grades. (AZEVEDO, 2002, p. 53)

Nesta narrativa as paisagens exteriores a casa praticamente não aparecem, o que transforma a residência da mãe e da filha em um verdadeiro campo de batalhas, tanto físicas quanto psicológicas, do qual a mãe se considera vitoriosa. Logo, o lugar particular, a casa, é palco do padecimento dos desejos enclausurados das personagens em foco. Desde o seu nascimento, Violeta é vista pela mãe como uma rival, com a qual precisa disputar território no coração do homem amado e, posteriormente, na casa, que representa metonimicamente todos os espaços, físicos e não palpáveis, de lutas entre ambas.

Estas figuras femininas vão, nesse sentido, caminhando para a solidão, seja a encontrada na morte, como Violeta, seja na certeza de que não resta mais ninguém que lhe proporcione momentos felizes, no caso da genitora. Assim, a mãe passa a ser uma vítima do seu próprio egoísmo, ficando condenada a permanecer sozinha na casa onde morou seu maior obstáculo.

Se, neste conto, os problemas são vivenciados e encerrados no âmbito doméstico, na narrativa *Por que Lívia sabia caminhar com graça* acontece o caminho contrário: os passeios dominicais do protagonista se transformam em uma fuga dos seus problemas conjugais. A partir do instante em que, distraidamente, encontra o epitáfio que intitula o conto, ele começa a imaginar como seria essa mulher fisicamente. Isso o deixa tão fascinado a ponto de chamar sua esposa de Lívia: “na terça-feira, fez amor com a mulher e gritou alto o nome de Lívia. Seguiram-se, então, semanas de

mágoas e delicadezas” (AZEVEDO, 2002, p. 26). Passam-se três anos e Lívia continua a existir somente no espaço imaginativo do personagem principal, cujo nome não é mencionado.

O território do personagem em questão é constituído, entre outros aspectos, pelo espaço físico do cemitério, uma vez que lhe proporciona momentos de emoção e de descobertas de novos sentimentos, e pelo seu espaço psicológico, visto que este atua como um elemento criador de uma suposta Lívia. Nos momentos em que caminha pelo cemitério, ele esquece o ambiente exterior e passa a viver da lembrança da morta. E, como se previsse o final de sua aventura, manda erguer um bonito túmulo com suas economias. Depois disso, ele tem um sonho no qual presencia a morte de Lívia, o que o deixa muito angustiado:

Essa morte de Lívia era o que lhe restava. O sonho que ele sonhava era a morte tangível de Lívia. Agora, apenas estudava uma maneira indolor de mudar-se definitivamente para o lado de lá. Às vezes parecia a ele uma empresa difícil. Mas se fiava no tempo que, é certo, podia demorar muito. Quiçá, só o alcançaria quando morto. Num domingo, uma mulher vinda de longe, dessas que podem ver os sonhos dos outros, mirou comovida o vulto fugidio daquele casal abraçado, nos fundos do cemitério. Depois afastou-se, sumindo entre os eucaliptos. (AZEVEDO, 2002, p. 29).

O cemitério é o espaço das realizações enquanto o ambiente doméstico é palco dos conflitos psicológicos que desencadeiam uma série de mudanças no comportamento do personagem em evidência e o plano de fundo da imagem final da narrativa, comprovando sua importância para os fatos contados.

Conclusão

A ambientação acontece em lugares longe dos chamados centros urbanos. Quando as cidades aparecem na ficção desta escritora, elas são localizadas no universo interiorano e funcionam como um lócus de passagem das personagens, isso coloca em cena histórias plenas de telurismo e de paisagens poéticas, que são elementos determinantes na constituição dos enredos e na tomada de posições das personagens que habitam os mundos de Janaína Azevedo.

Os ambientes físicos nas narrativas analisadas são motivadores de determinados comportamentos humanos. Entretanto, os dilemas enfrentados pelas personagens azevedianas não são observáveis somente em paisagens como as encontradas em Orquídea de Cicuta. Os conflitos existenciais ali verificados são comuns a todos os seres humanos, o dado local é que vai influenciar o modo como são enfrentados e encerrados tais problemas. Assim,

é preciso, então, ultrapassar o critério conteudístico e levar em conta o modo de formar, observando como certas obras, para além do assunto regional, buscam harmonizar tema e estilo, matéria-prima e técnica, revelando, mais do que paisagens, tipos ou costumes, ‘estruturas cognoscitivas’ e construindo uma verdadeira linhagem: da representação/apresentação dos brasileiros pobres de culturas rurais diferenciadas, cujas vozes se busca concretizar paradoxalmente pela letra; de um grande esforço em torná-las audíveis ao leitor da cidade, de onde surge e para a qual se destina essa literatura. (CHIAPPINI, 1994, p. 668).

Referências Bibliográficas

- 1] ALBAGLI, Sarita. Território e territorialidade. In: LAGES, V.; BRAGA, C.; MORELLI, G. (org.). **Territórios em movimento: cultura e identidade como estratégia de inserção competitiva**. Rio de Janeiro: Relume Dumará / Brasília, DF : SEBRAE, 2004, p. 23-69.

- 2] AZEVEDO. **Orquídea de Cicuta**. João Pessoa: Manufatura, 2002.
- 3] CARDOSO, Ciro Flammarion. **Repensando a construção do espaço**. Revista de História Regional. Ponta Grossa, PR, ano 3, nº 1, 1998, p. 7-23.
- 4] CHIAPPINI, Ligia. **Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura**. Revista Estudos Históricos, vol. 8, nº 15. Rio de Janeiro, 1995, p. 153-159.
- 5] _____. **Velha praga?** Regionalismo literário brasileiro. In: PIZARRO, Ana (org.). América latina: palavra, literatura e cultura. São Paulo: Memorial; Campinas: UNICAMP, 1994, p. 665-702.
- 6] IANNI, Otávio. A metáfora da viagem. In: _____. **Enigmas da modernidade-mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 13-31.

ⁱ **José de Sousa CAMPOS JÚNIOR, mestrando.**
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
c.josedesousa@yahoo.com.br